

Agroecologia, Autogestão, Autonomia: E Quando Tudo Parece Incompatível?

MARCOS, Valeria de. USP, demarcos.vale@usp.br.

Resumo

O presente relato refere-se à experiência, em execução, do projeto de extensão “*Mão sementes conectadas: construindo a rede colaborativa agroecológica de Parelheiros*”, financiado pelo CNPq/MDA através do edital 036/2007 e executado através da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo. Trata-se da busca de consolidação de um grupo de agricultores urbanos em conversão à agroecologia, localizados de Parelheiros, zona sul da cidade de São Paulo, através de sua inserção como fornecedores em uma cooperativa de consumo de produtos agroecológicos. É também em curso a formação de uma rede colaborativa agroecológica na região, através da consolidação de uma parceria com a Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo com o intuito de colocar em contato as mais variadas experiências agroecológicas em andamento na região, em especial aquelas das APAs ali existentes. O grupo de agricultores vem fortalecendo cada vez mais os laços entre seus integrantes e aumentando sua participação ativa nas decisões tomadas pelo projeto, colocando em prática os ensinamentos agroecológicos e também conquistando sua autonomia.

Palavras-chave: Agricultura, Parelheiros, rede colaborativa agroecológica.

Contexto

A experiência que aqui trago para ser discutida refere-se a um projeto de extensão ainda em curso, sob minha coordenação e financiado pelo CNPq/MDA (edital 36/2007), através da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo (ITCP USP), intitulado “*Mão sementes conectadas: construindo a rede colaborativa agroecológica de Parelheiros*”. Este, por sua vez, constitui-se na continuidade de um projeto anterior, também financiado pelo CNPq, intitulado “*Hortas Solidárias*”, do qual passei a participar como colaboradora a partir de janeiro de 2008, assim que se deu a aprovação do projeto objeto de análise neste relato.

O objetivo do projeto em andamento é o de consolidar a conversão agroecológica de um grupo de agricultores urbanos de Parelheiros, zona sul de São Paulo, acompanhar sua inserção na cooperativa de consumo Sementes de Paz, também de São Paulo, bem como tentar contribuir para a construção de seu fortalecimento como grupo capaz de caminhar com autonomia através de práticas auto-gestionárias. No presente momento o projeto encontra-se em andamento e o que me proponho aqui é discutir os caminhos trilhados, os impasses e as expectativas para o futuro do grupo.

Descrição da Experiência

O projeto “*Hortas Solidárias*”, onde tudo começou, teve por objetivo difundir práticas de produção agroecológica entre agricultores urbanos de Parelheiros, zona sul de São Paulo, Brasil, através da constituição de um Centro de Referência de Agroecologia na região. Iniciou-se com a realização, por parte da equipe executora (parte da qual continua no presente projeto), de um levantamento dos agricultores existentes em Parelheiros e áreas limítrofes. Todos eles foram convidados a participar das atividades que foram realizadas na Associação Pequeno Príncipe, onde deveria ser construído, ao final do projeto, um Centro de Referência Agroecológica para a região. Com a duração de um ano e meio, o projeto foi composto de oficinas mensais onde foram tratados temas como segurança alimentar, agricultura convencional e agricultura agroecológica, importância do planejamento da produção, técnicas de manejo para reconversão agroecológica como preparo e plantio da multi-mistura, preparo e aplicação da chorumada e ruminada, entre

outras. O público alvo foi composto de cerca de vinte pessoas entre agricultores e consumidores (na maior parte as professoras da creche que também funcionava na Associação Pequeno Príncipe). Na época o responsável pela realização das atividades era o NEPA – Núcleo de Ensino e Pesquisa Aplicada – de Fortaleza-CE, na figura do seu coordenador. A partir de fevereiro de 2008 a equipe decidiu iniciar a comercialização da produção, numa tentativa de organização de um grupo de compras solidário. As vendas inicialmente eram casadas: a partir dos produtos que os agricultores tinham à disposição e da demanda dos consumidores que participavam do projeto, definiu-se a primeira venda, que ocorreu em março de 2008. Naquela ocasião, os agricultores levaram os produtos que haviam sido acordados na oficina de fevereiro, sendo realizada a primeira venda. Os preços foram acordados no ato, entre produtores e consumidores, por intermédio da equipe.

O resultado foi positivo: produtores e consumidores satisfeitos com a experiência, os primeiros pelos resultados alcançados com a venda, os segundos com a qualidade dos produtos, não sendo registrada nenhuma perda/sobra. Decidiu-se então por ampliar as vendas: para o mês seguinte cada consumidor assumiu o compromisso de levar um amigo e os produtores deveriam trazer um pouco mais de produtos para serem comercializados. Mas aí começaram os problemas: os agricultores levaram mais produtos, mas poucos consumidores fizeram sua parte do combinado. Houve sobra e para não ocorrer perda, a equipe do projeto comprou os produtos excedentes. Ao invés de resolver o problema, criou-se outro ainda maior: o aumento das vendas estimulou os agricultores a levarem cada vez mais produtos, na expectativa de que tudo fosse ser comercializado. Tal situação levou ao aumento cada vez maior das sobras, impedindo sua absorção pela equipe do projeto. O resultado foi o estabelecimento de uma crise no projeto, que emergiu no momento de sua avaliação final.

Entre os fatores que levaram à crise, é possível elencar: **1.** a transformação de um grupo de compras em uma feira, com o aumento da oferta sem que houvesse aumento da demanda, seja pela necessidade do grupo seja pelo aumento de consumidores; **2.** a falta de um planejamento da oferta dos produtos e de controle de qualidade dos mesmos: muitos agricultores levavam o mesmo tipo de produto, porém com qualidades diferentes, o que resultava no excesso de oferta e, diante da qualidade diferenciada dos mesmos, muitas vezes um conseguia vender tudo o que havia levado enquanto outro ficava com boa parte da produção sem ser vendida; **3.** a dificuldade no estabelecimento dos preços: na maior parte dos casos eles eram definidos visando remunerar de modo mais justo o produtor, sem levar em consideração nas mesmas proporções a realidade da maioria dos consumidores, para os quais os preços eram elevados; **4.** o momento de realização das oficinas – última semana do mês, ocasião em que a maior parte dos consumidores estava já com poucos recursos do seu salário – fato que foi levando a uma redução do consumo principalmente por parte das professoras – mas não só – até a saída total desta parte dos consumidores do grupo.

Na oficina de encerramento do projeto foram avaliados os resultados alcançados, para que fosse possível repensar a atuação da próxima etapa, o projeto atualmente em andamento. Ficou clara a necessidade de se planejar melhor a produção antes de se aventurar a novas iniciativas de comercialização, tendo os agricultores demandado à equipe um acompanhamento mais efetivo por parte de um técnico/agrônomo. Ficou claro também que a maior parte das compras eram realizadas pela equipe executora, o que não podia mais acontecer, pois isso colocava em risco a continuidade da experiência. Enfim, o grupo compreendeu a necessidade de fortalecer seus laços e ter uma parte mais ativa/propositiva no projeto, passando a reunir-se periodicamente, mesmo sem a presença da equipe. O Centro de Referência Agroecológica, em razão das dificuldades apontadas e de outra que não vêm ao caso, não se concretizou e a parceria com a Associação Pequeno Príncipe foi desfeita.

Resumos do VI CBA e II CLAA

A partir de setembro de 2008 iniciaram-se as atividades desta nova etapa de trabalho. Iniciou-se com a incorporação à equipe de um agrônomo de São Paulo, rompendo a parceria com o NEPA que, embora tenha sido muito importante, era onerosa e não atendia às demandas dos agricultores, devido à sua distância. Desde então, o agrônomo tem participado das reuniões de planejamento da equipe e acompanhado o grupo, realizando uma visita/mês nas áreas de cada um dos agricultores envolvidos, além de participar ativamente das oficinas, sendo responsável por uma parte prática organizada a partir da demanda dos agricultores e, quando esta não se dá, pelo que ele pode observar ser o tema a ser trabalhado, a partir de suas visitas naquele mês.

O grupo inicial reduziu-se, mas ao mesmo tempo fortaleceu-se: desde fevereiro deste ano reúne-se, por demanda própria, duas vezes por mês com a equipe executora, uma delas com duas integrantes apenas, onde discutem os problemas pelos quais estão passando e pensam juntos em soluções para os mesmos. Também em fevereiro, a partir da abertura de um edital da Secretaria do Meio Ambiente do Município de São Paulo (FEMA 06/2009), o grupo resolveu elaborar um projeto de criação de meliponários com o intuito de contribuir para a recomposição da mata nativa, construir os meliponários propriamente ditos e contribuir como educadores ambientais através da abertura de suas propriedades para visitação e da difusão da experiência. A equipe do projeto acompanhou a elaboração do projeto, mas não fará parte de sua execução, caso este venha a ser aprovado. Além disso, desde março, após discutir-se alternativas de comercialização da produção, iniciou-se o acompanhamento e fortalecimento do acordo entre a cooperativa de consumo Sementes de Paz e o grupo de agricultores, que denominou - se "Cultivar". A expectativa é que o grupo consiga aumentar sua participação, suprimindo as demandas que atualmente são supridas por grupos da Rede Ecovida do Paraná por falta de alternativas mais convenientes. O objetivo é o de baratear os custos e aumentar a oferta de produtos na cesta oferecida aos consumidores.

Participam do projeto oito agricultores. A equipe executora, é formada por uma coordenadora e sete integrantes, dos quais um agrônomo, uma psicóloga e um advogado e quatro estudantes, sendo dois de Geografia, um de Ciências Sociais e um de Biologia. Exceção feita a mim e ao agrônomo, os demais integrantes da equipe são formadores de economia solidária e membros da ITCP USP. Enfim, gostaria de salientar que atualmente está-se consolidando uma parceria com a Secretaria do Meio Ambiente do Município de São Paulo, com o intuito de estabelecer uma rede de projetos em execução na região e poder pensar melhor em propostas de políticas agrícolas para a mesma.

Resultados

Como mencionado, o projeto encontra-se em execução. Muito, porém, já foi conquistado e aprendido. Tais conquistas e aprendizados podem ser divididos em dois conjuntos: de um lado, os processos vividos pela equipe executora e, de outro, aqueles vividos pelos agricultores.

No que se refere à equipe executora, preciso esclarecer que apesar de ser a coordenadora e proponente do projeto, não escolhi a equipe, mas fui por ela escolhida. Na ocasião de abertura do edital, dois integrantes da equipe executora (um dos quais não mais faz parte) do projeto "Hortas Solidárias" eram meus alunos de Graduação e, tomando conhecimento de minha experiência e área de estudo/prática, me propuseram a elaboração conjunta e coordenação do projeto a ser submetido ao Edital 036 do CNPq. O projeto foi elaborado a partir da vivência do projeto anterior, cuja execução foi realizada de forma autônoma pela equipe, sem a presença de um coordenador em campo. Minha aproximação do grupo se deu, assim, de modo gradual, sem que as diferenças de compreensão sobre a condução então em execução fossem explicitadas. A avaliação dos resultados do projeto anterior, bem como o início do projeto em curso acabou instaurando, para minha surpresa, um grande desconforto diante da minha presença como coordenadora. A

“autogestão” acabou sendo a arma usada para barrar muita das indicações de condutas e conduções de atividades equivocadas, numa tentativa de garantir a manutenção dos micro-poderes estabelecidos no interior do grupo. Hermeticamente fechado, o grupo resistiu até que não foi mais capaz de negar os problemas que há tempos tentava mostrar. Outra dificuldade – essa ainda não de todo superada – é a compreensão do futuro da relação com o grupo de agricultores.

O longo tempo de convívio entre a equipe e os agricultores gerou uma “dependência” entre os mesmos. A perspectiva de que o melhor resultado seja a autonomia do grupo – o que vale a dizer a não necessidade de continuidade da equipe com eles – não é ainda uma unanimidade e isso tem causado o atravancamento do processo em alguns momentos. Estou tentando superar esses impasses com as leituras do grupo de estudos, voltadas a uniformizar a compreensão da questão em foco e, assim, contribuir na formação do grupo e sucesso do projeto. O grande desafio tem sido fazer das diferenças riqueza e não impedimento para o andamento do processo. A grande lição para a equipe, a mais difícil de ensinar, foi a necessidade de rever o projeto em andamento e repensar seus objetivos e metas à medida que novos fatos vão ocorrendo, fato nem sempre aceito com tranquilidade, principalmente por colocar em xeque a capacidade da equipe de “acertar” sempre.

No que se refere aos agricultores, vale destacar em primeiro lugar o fortalecimento do vínculo entre os mesmos. Trata-se de um grupo bem heterogêneo por tantos aspectos – experiência na terra, origem, tamanho da propriedade e condições de acesso à terra, importância da atividade agrícola na composição da renda familiar, grau de incorporação dos conhecimentos agroecológicos – mas isso tem sido visto como ponto positivo entre eles. A decisão de permanecerem juntos e de se tornarem ativos no projeto é prova de que começam a organizar-se de forma independente. A maior lição até agora foi a proposta do tema para o projeto apresentado no edital FEMA 6 acima citado. Ao invés de esperar que a equipe propusesse o que fazer, eles apresentaram a proposta de criação dos meliponários, fato que acabou gerando uma crise na equipe executora, na minha avaliação muito positiva. Ainda que esta proposta tenha sido iniciativa de duas integrantes, ela foi um passo importante na direção da autonomia do grupo. A mudança de foco do projeto nos fez, enquanto equipe, tomar a dura decisão de não assumir responsabilidades quanto à sua execução. Foi o primeiro passo na direção de uma futura “separação”, o que não foi fácil também para eles.

Enfim, estes são ainda em os primeiros passos, mas penso cada vez com mais convicção que os resultados serão muito positivos, seja para a equipe executora que para os agricultores. A sinergia cada vez mais fecunda entre ambas as partes é a prova de que *mão sementes conectadas* é capaz de *cultivar* um futuro de autonomia, autogestão e agroecologia na zona sul de São Paulo. A parceria em construção com a SEMA faz da constituição da *rede colaborativa* uma meta cada vez mais próxima de se tornar realidade.